Quem é Jesus?

O risco humano da incompreensão e do medo (Mc 9,2-8)

I. INTRODUÇÃO

A explicitação da "dinâmica querigmática" de um texto bíblico é a tarefa de revelar o seu processo de comunicação respondendo às seguintes questões: é possível descobrir a intenção para a ação do autor do texto bíblico? Existe um caminho que conduz à remontagem do processo de comunicação que gerou o texto? Como encontrar as feições do "leitor-ideal" presente no texto? Enfim, qual é a possibilidade de se reescrever a ação querida, originalmente, e assim poder o leitor de hoje se posicionar e agir também, pela compreensão do texto?

Este processo nos coloca novamente diante da questão da relação entre exegese científica e teologia, pastoral e pedagogia catequética.

Olhando a situação do Brasil se pergunta pelo acontecimento desta fecunda relação entre os estudos da Bíblia, teologia, pastoral e catequese. Isto já é uma realidade ou uma tarefa ainda a se fazer? Em que medida se apropria da força querigmática guardada na dinâmica de um texto? Talvez se esteja a meia estrada. Muita coisa já foi feita.

Frei Carlos Mesters testemunha este caminho feito dizendo: "Se alguém, trinta anos atrás, tivesse feito uma profecia e tivesse feito uma descrição exata de tudo quanto hoje está acontecendo entre os pobres, relacionado com a leitura da Bíblia, ninguém teria acreditado. 'Isto vem do Senhor e é maravilha aos nossos olhos!' (Sl 118,23)"[1].

Os desafios para a leitura da Bíblia ajudam a ver a importância de se apropriar da "dinâmica querigmática" do texto. Destes desafios nascem perguntas muito fortes: Como fazer uma exegese, interpretação científica do texto, que sirva para solucionar os problemas do povo? Como respeitar a fé dos pequenos?

1. MESTERS, C. "Ouvir o que o Espírito diz às Igrejas" – A interpretação popular da Bíblia no Brasil. *Concilium*, Petrópolis, Vozes, 1 (1991): 116.

Como legitimar a interpretação popular a partir da ciência? Como evitar o subjetivismo sem cair no extremo de interpretações literalistas?

Estas perguntas levam a preocupação da leitura da Bíblia ao horizonte de três outras questões fundamentais: 1) Qual o processo interno de comunicação que formou o texto e sua relação com a ação? 2) Como estabelecer o diálogo, autor/leitor, pregador/ouvinte, que mostra a geração do texto e o que ele tem a dizer ao leitor de ontem e de hoje? 3) Quais passos devem ser feitos a fim de que, partindo do texto, se possa interpretá-lo para hoje?[2]

II. O TEXTO BÍBLICO E SUA DINÂMICA QUERIGMÁTICA

Um texto não é uma entidade isolada, mas inserida em um contexto muito amplo. Ele é um dos elementos de um processo de comunicação lingüística[3].

Neste processo de comunicação, autor e leitor se encontram e se fazem presentes no texto. Há um diálogo entre autor e leitor que permite nascer a compreensão do texto enquanto mensagem comunicada. Para refazer este processo de comunicação o leitor tem diante de si o texto. O leitor, um destinatário, é previsto pelo autor enquanto escrevia aquele texto no passado. Agora, o leitor ocupa novamente seu lugar no texto. Ele o lê, o compreende e é de novo convidado a se posicionar, cumprindo uma ação ou refutando-a, segundo o que lhe for indicado e por ele apropriado pela dinâmica do texto.

Assim, pois, o texto não é mais visto como simples testemunha de eventos verificados fora de si mesmo. Mas é necessário, antes de tudo, considerá-lo como uma comunicação codificada, uma mensagem escriturada. Mediante a sua leitura, pela força de sua dinâmica interna, busca-se suscitar no leitor uma ação.

1. Um exemplo concreto

O processo de comunicação que se dá por meio de uma telenovela é conhecido por todo brasileiro. As telenovelas têm uma audiência enorme. Elas causam polêmicas; determinam os temas de muitas discussões no meio do povo; provocam, muitas vezes, verdadeiros debates em toda a sociedade. Mas não é só isto. Elas também interferem profundamente no modo de ser do povo, determinando novos pensamentos, criando usos novos e transformando, pouco a pouco, a sociedade nalguma direção.

Para descobrir por que as telenovelas têm esta força de influência é preciso tentar descrevê-las e entendê-las como um processo vivo de comunicação da linguagem humana.

Aquilo que se observa em primeiro lugar é que milhões de pessoas seguem as telenovelas. Isto significa que não encontram dificuldades em enten-

2. MESTERS, C. *Op. cit.*, p. 116-117. F. LENTZEN-DEIS. La Ciencia de la exégesis y hermenéutica pastoral. Em: *Jesus en la reflexión exegética y comunitaria*. Bogotá, 1990: 13-45.

3. EGGER, W. *Metodologia del Nuovo Testamento*. Bolonha, 1989, p. 28-35.

dê-las. Não precisam de explicações paralelas. Sentem prazer em acompanhar, por alguns meses, a mesma estória televisiva.

Desta constatação se pergunta: Por que as pessoas se ligam às telenovelas? Uma primeira resposta evidente é porque podem compreender a linguagem falada e identificar o seu enredo. A comunicação que se passa ali não é estranha às pessoas. Elas se sentem envolvidas. As pessoas vêem nas telenovelas um espelho dos seus anseios, dúvidas, desejos, necessidades, projetos, frustrações e sofrimentos.

Conclui-se, então, que estas pessoas que se ligam às telenovelas são o leitor-ideal, leitor-pensado e programado para reagir diante deste processo de comunicação.

Este leitor ideal está na mente do autor do texto da telenovela. Ele participa da elaboração do texto. O autor dialoga, de algum modo, com ele para decidir por quais caminhos deve passar o enredo do texto. O autor, dialogando com seu leitor ideal, decide as estratégias pelas quais levará o leitor à ação, isto é, novas opiniões, novos usos, nova mentalidade.

Assim, na origem do texto em si, já está presente o leitor. Pois que um texto tem sempre uma intenção para a ação. Ele quer sempre interferir no mundo do leitor levando-o a agir. Esta interferência se faz por meio das estratégias comunicativas e lingüísticas presentes no texto. Estas estratégias são escolhidas pelo autor em diálogo com o leitor-destinatário.

Por isso, no texto da telenovela, isto é, sons, palavras, discursos e imagens, o leitor-telespectador e o autor se encontram. O leitor é chamado a compreender as intenções do autor e, compreendendo-as, agir no modo indicado.

Nas telenovelas um primeiro modo de agir, segundo as intenções do autor, é participar do próximo capítulo. Isto porque as telenovelas precisam de audiência para garantir a publicidade e a sobrevivência como espaço de comunicação transformadora de mentalidade e impulsionadora de ações pessoais e sociais.

Este exemplo evidencia que todo texto tem em si uma intenção para a ação. O leitor é chamado a entender esta intenção do autor e realizá-la. O lugar onde autor e leitor se encontram para o diálogo que possibilita a compreensão, a ser sempre renovada e fecundada, é o texto.

2. Uma perspectiva importante

A comunicação lingüística codificada no texto é como um rio. Este rio pode ser conhecido, estudado e aproveitado de duas maneiras. A primeira maneira é viajar ao longo de todo o rio desde a nascente até a sua foz. Em muitos pontos do percurso se fariam interrupções para análises do tipo de água, vegetação, vida animal, solo etc. No final, uma comparação de todos os estudos feitos, de cada parte do rio, para se ter uma idéia ampla e global. Uma segunda maneira é estudar apenas uma parte do rio. Armar-se-ia uma tenda, num lugar previamente escolhido, para passar ali um tempo e buscar um conhecimento profundo e completo daquela região. Este modo de estudar certamente revelaria aspectos que teriam passado desapercebidos na primeira maneira de conhecer o rio.

BIBLIOTECA
Frei Capuchinhos

No estudo do texto bíblico pode-se proceder segundo uma destas duas maneiras. A primeira maneira corresponde ao tratamento do texto do ponto de vista de sua formação ao longo dos tempos. Sabe-se do complicado processo de escrituração, transmissão e reelaboração oral e escrita de um texto.

A segunda maneira de ler a Bíblia é aquela em que o texto é analisado como uma entidade, estruturada e coerente, inserida em um amplo processo de comunicação. O significado do texto não está atrás dele, mas nas relações intra e extratextuais dentro do próprio texto.

Só uma leitura assim pode revelar a particularidade, novidade e genuinidade da intenção do autor em vista à ação. Este modo de leitura explicita a dinâmica querigmática do texto. Tudo isto porque cada texto contém uma seqüência de informações em vista à ação, encadeadas em um modelo de ação.

O modelo de ação é a rede de relações, no interior do texto, com seus influxos para fora, em vista à ação. Seu grande objetivo é suscitar a ação no leitor[4].

3. Um caminho a seguir

Como se chega à descrição do modelo de ação de um texto? Como evidenciar a função do texto em vista à ação do leitor?

Ao escrever o texto, o autor escolheu palavras, as encadeou de certo modo, escolheu ordem e hierarquia de termos, utilizou meios lingüísticos e ressaltou aspectos.

Agora, diante do texto, o leitor toma contato com esta materialidade gramatical, lexical, filológica, fonética e estilística do texto. Assim, a análise da organização interna ou dimensão sintática do texto é de importância fundamental. Esta análise descreve a dinâmica do texto em suas particularidades: som, ritmo, coesão, inter-relação de elementos, articulação.

Mas é importante olhar aquilo que também se refere ao conteúdo do texto. Ora, as expressões lingüísticas têm um significado. Por isso é que se pergunta o que significa esta ou aquela expressão.

No texto da Bíblia, por sua antiguidade, muitas vezes não é fácil compreender o significado de uma palavra, expressão ou texto.

Dados estes passos tão importantes, a grande finalidade na busca da dinâmica do texto é responder à seguinte pergunta: O que se quer significar com isto? Trata-se de explicitar a intenção presente no texto para levar o destinatário à ação.

O resultado deste processo será, sem dúvida, a descoberta da dinâmica querigmática de um texto e de sua conseqüente força de ação transformadora.

4. LENTZEN-DEIS, F. El Relato de la Pasión, un modelo de acción. Em: *Avances metodológicos de la exégesis para la praxis de hoy*. Bogotá, 1990, p. 19.

III. Mc 9,2-8: A TRANSFIGURAÇÃO

1. A organização do texto

Mc 9,2-8 localiza-se numa importante parte do Evangelho que vai de 8,27 a 10,52. Esta seção é marcada pelos três anúncios da paixão e morte de Jesus (8,31-33; 9,30-32; 10,32-34), e pelas exigências para o seguimento apresentadas aos discípulos (8,34-38; 9,35-37; 9,42-50; 10,42-45).

Tudo acontece pelo caminho que vem referido inúmeras vezes (8,27; 9,33.43; 10,1.32.46).

Uma visão geral desta parte do Evangelho ajuda a perceber o enredo da narração de Mc 9,2-8 e a ligação de suas várias partes.

O autor quer fazer o leitor compreender seu dever de ver Jesus não somente como o Messias e Filho de Deus, mas também como Filho do Homem. Deve, ainda, aceitar a sua morte e ressurreição como duas fases necessárias do percurso da vida. Esta aceitação implica em estar pronto para seguir a Jesus no seu caminho[5].

É importante notar no texto, logo no seu início, 9,2ab, a exata indicação de tempo, "seis dias depois", fazendo ruptura com 9,1 e chamando a atenção para aquilo que está por ser narrado. Jesus é o protagonista da ação, tomando e levando consigo Pedro, Tiago e João. Esta ação de Jesus é caracterizada pelo fato de levar os discípulos à parte e a sós, e para uma alta montanha.

Em 9,2c-4, Jesus é transfigurado pela ação de Deus. Os discípulos presenciam tudo, especialmente a pessoa celeste de Jesus que conversa com Elias e Moisés.

Em 9,5-6 aparece a primeira reação dos discípulos, até então simples observadores, pela palavra de Pedro: "É bom estarmos aqui"; "Façamos três tendas..." Este é o desejo dos discípulos. O v. 6 comenta a reação deles observando a inoportunidade da proposta. Sublinha o não-saber o que perguntar, visto que estavam atemorizados.

Em 9,7 vem a solução que inicia uma nova situação e marca a importância do que vai ser revelado. A voz de Deus apresenta Jesus como o Filho Amado. Esta apresentação é feita aos discípulos. Nela está contida uma ordem: "escutai-o". A realidade de Jesus, testemunhada por Deus, é o fundamento deste mandamento.

O conjunto do texto se encerra em 9,8 numa configuração em que os discípulos olham e só vêem a Jesus e mais ninguém. Assim se conclui o evento da transfiguração.

2. O significado do texto

Todos os elementos desta narração são apropriados para se fazer uma grande revelação. As pessoas escolhidas são apresentadas e reunidas num tempo e num lugar significativos e especiais.

5. VAN IERSEL, B. *Leggere Marco.* Turim, 1989, p. 216.

659|03

BIBLIOTECA
Freis Capuchinhos

Os discípulos escolhidos, Pedro, Tiago e João, são os primeiros chamados (Mc 1,16-20), os espectadores da cura da filha de Jairo (Mc 5,37) e os mesmos que acompanharam a Jesus até o Getsêmani (Mc 14,33).

O lugar da revelação é muito especial: "Jesus levou-os para um alto monte" (9,2b). Em Marcos são duas as referências importantes a "subir a montanha". Em Mc 3,13 está Jesus que sobe a montanha e escolhe os doze; em 6,46, Jesus sobe a montanha para orar. É importante recordar ainda a montanha nas tradições sobre Moisés (Ex 19,3) e Elias (1Rs 19,8). Trata-se, pois, do lugar para revelação especial de Deus, um acontecimento epifânico.

A indicação de "seis dias depois", à luz de Ex 24,16-18, quando a nuvem do Senhor cobriu a montanha por seis dias e no sétimo a voz de Deus chamou Moisés, sublinha o sentido revelador da narrativa.

Ser transfigurado e a referência às roupas brancas, nos v. 2c-3, no horizonte da apocalíptica judaica, caracterizam os seres celestes, os anjos e os bem-aventurados. Bem assim, caracterizam o ambiente de oração e da mística judaicas.

Jesus, ser celeste, conversa com Elias e Moisés, os interlocutores do transfigurado. Elias é aquele que a tradição testemunhava como o arrebatado aos céus (2Rs 2,11). Moisés, por sua importância na Bíblia, é um modelo do Messias, o ressuscitado segundo a tradição rabínica.

Elias e Moisés testemunham, enquanto conversam com Jesus, que ele é do mundo dos céus. Jesus introduz o tempo final que Elias e Moisés prefiguravam.

A proposta de fazer tendas lembra a promessa de "tendas eternas" prometidas aos bem-aventurados dos céus. Fazê-las agora, porém, era impossível. Jesus deveria continuar o seu caminho para a paixão, morte e ressurreição, e Elias e Moisés não podem mais viver na terra. Pedro e os discípulos não compreendem isto. Sobretudo que Jesus deve morrer e ressuscitar. Por isso, os discípulos têm medo e não sabem o que dizer.

Da nuvem, a lembrança de que o Filho do Homem vem e é sinal da presença de Deus, sai a grande comunicação de Deus. Deus é quem em Jesus estabelece sua tenda entre os homens. A voz, já aparecida no Batismo, reapresenta aqui Jesus como o Filho Amado (Is 42,1; Sl 2,7; Gn 22,2.12.16).

Jesus é apresentado como Filho, Servo, novo Moisés e como Messias. Por isso, ele deve ser ouvido. Obedecê-lo, neste contexto, é compreender que ele deve sofrer, morrer e ressuscitar.

3. O que o texto quer significar?

Chamado a se posicionar como os três discípulos escolhidos, o leitor é convidado a uma experiência de Deus na montanha, separadamente e em intimidade com Jesus.

Na intimidade com Deus é que se pode fazer a experiência do mistério de Jesus. Por isso, o convite a conhecê-lo em sua força, dinâmica e poder celestes. A possibilidade de conhecer Jesus, assim, leva a experienciar Deus agindo nele.

BIBLIOTECA
Frei Capuchinhos

A reação de Pedro mostra o perigo de não compreender adequadamente a Jesus. Há sempre o perigo de uma visão que descarta a necessidade de segui-lo pelo caminho de sua paixão e morte. Só a obediência, escuta de Jesus pelo caminho, é a direção correta do discípulo. É a garantia da ressurreição e da vida.

Tudo passa e Jesus permanece com os discípulos. Ele é sempre a presença de Deus no meio dos homens e da comunidade.

IV. CONCLUSÃO

À luz deste caminho podem-se entrever grandes conquistas na aprendizagem das dinâmicas querigmáticas da Palavra de Deus.

Na pastoral localiza-se a chance de fazer aplicações para hoje, partindo dos muitos modelos para ação do texto bíblico.

Na catequese e na espiritualidade se espera o reencontro da força dinâmica e transformadora da Palavra de Deus.

Na leitura popular confirma-se uma grande possibilidade de imediato contato com a exegese científica, porque o que o povo descobre no texto bíblico é o modelo de ação contido nele.

Assim, parece ser importante continuar aprofundando os caminhos deste método de leitura e de estudo da Bíblia.

BIBLIOGRAFIA

AUSTIN, J.L. *Come fare cose con le parole*, Gênova, Marietti, 1987.

SCHILIEBEN LANGE, B. *Linguistica Pragmatica*. Bolonha, Il Mulino, 1980.

EGGER, W. *Metodologia del Nuovo Testamento*. Bolonha, Edizioni Dehoniane, 1989.

VAN IERSEL, B. *Leggere Marco*. Turim, Ed. Paoline, 1989.

VV.AA. *Jesús en la reflexión exegética y comunitaria*. Bogotá, Paulinas, 1990.

VV.AA. *Avances metodológicos de la exégesis para la praxis de hoy*. Bogotá, Paulinas, 1990.

Geraldo Dôndici Vieira
Av. Rio Branco, 4516
36026-500 Juiz de Fora, MG